

## O FUNCIONALISMO NA ANTROPOLOGIA

### META

Apresentar o pensamento funcionalista no âmbito da antropologia.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula o aluno deverá:

saber definir o pensamento funcionalista; identificar os principais pensadores funcionalistas na antropologia e os seus princípios.

### PRÉ-REQUISITOS

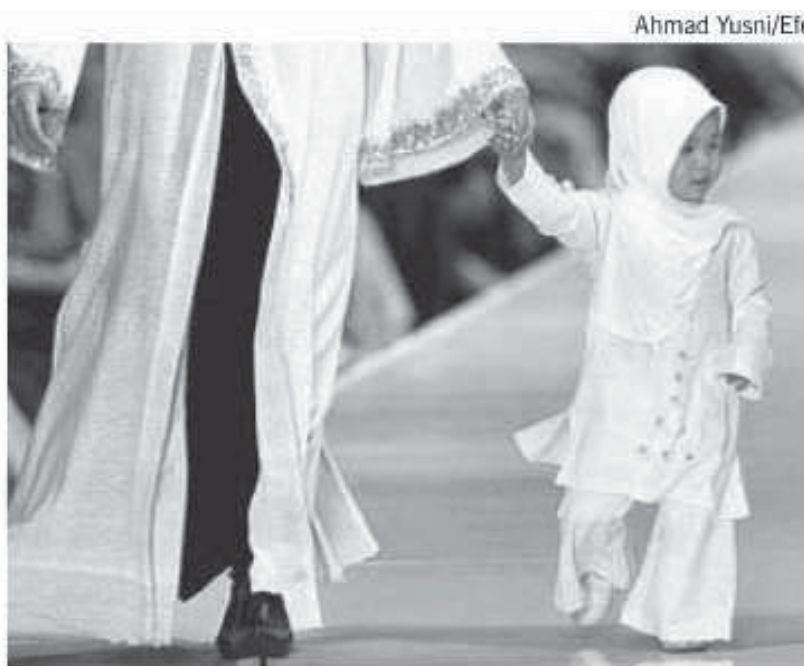
Conhecer os principais conceitos da antropologia e os princípios do pensamento evolucionista.



(Fonte: <http://www.amphilsoc.org>).

### INTRODUÇÃO

A caminhada do pensamento antropológico, como de qualquer ciência, foi marcada por dificuldades, mas os conceitos e teorias que formam as diversas correntes foram gradativamente sendo construídos. Foi assim com o pensamento evolucionista, apresentado ao aluno na aula anterior, e não foi diferente em relação ao processo de construção do pensamento funcionalista. Este pensamento surgiu a partir das análises críticas construídas sobre a corrente evolucionista, ou seja, pensadores, já no final do Século XIX, avaliavam os limites dessa corrente, entendendo a necessidade da antropologia pensar o homem e o seu habitat cultural a partir de novas possibilidades teóricas. Dessa forma, esses pensadores iniciaram o processo de des-construção da idéia de uma evolução linear – você deve estar lembrado desse conceito: história linear como processo único para todos os povos, tendo, ao final, a sociedade dos civilizados como parâmetro -, e passaram a pensar o homem a partir das suas culturas particulares. Essa nova proposta rompia também com a velha idéia de pesquisa, marcada pela repartição entre observador e pesquisador, ou seja, de um lado o viajante que coletava as informações e do outro lado o pesquisador que, instalado no seu gabinete processava as informações recebidas.



Ahmad Yusni/Efe

(Fonte: <http://bp0.blogger.com>).

## FUNCIONALISMO

Apresentarei nesta aula dois autores considerados os “pais fundadores da etnografia”: Franz Boas (1858-1942) e Bronislaw Kasper Malinowski (1884-1942). Esses autores primaram pela ruptura com o velho modelo de pesquisa, iniciando e consolidando uma prática marcada pela coleta de informações pelo próprio pesquisador. Segundo esse novo modelo, o pesquisador de antropologia, ao se dirigir ao campo para o trabalho de coleta das informações, “(...)... aprende então, como aluno atento, não apenas a viver entre eles, mas a viver como eles, a falar sua língua e a pensar nessa língua, a sentir suas próprias emoções dentro dele mesmo.” (LAPLANTINE, 2000, p. 76). Esse novo modelo passou a ser o instrumento principal da pesquisa antropológica e, mesmo com o tempo passado, ainda hoje é considerado a própria fonte da pesquisa. Por que essa ruptura e quais as possíveis vantagens dessa nova prática?

No antigo modelo desenvolvido pelos evolucionistas o contato entre o pesquisador e os atores sociais nos seus respectivos fenômenos era praticamente inexistente. Isto é, o pesquisador, instalado no seu gabinete, em Londres ou qualquer outra cidade européia ou americana, de posse das informações coletadas por viajantes, realizava as análises, considerando completamente desnecessário esse contato. Não havia, nesse sentido, qualquer contato com o personagem, com a sua língua, com os seus costumes, não havia, portanto, vivência com os fenômenos sociais. Não havia interação – troca de informações – entre o pesquisador e o pesquisado.

A nova antropologia, iniciada no final do século XIX e início do século XX, propunha um outro modelo, no qual o pesquisador, obrigatoriamente, teria que sair do seu ambiente social e instalar-se no ambiente do pesquisado, permanecendo longos períodos nesses espaços, aprendendo o idioma, mas, sobretudo, observando cotidianamente os seus costumes, interessado em penetrar nas mentes dos nativos de cada região. Com esse objetivo Franz Boas afirma a necessidade de anotar tudo a respeito das coisas observadas, mesmo aquelas consideradas rotineiras e até sem importância. Considerava Boas que a rotina dos nativos escondia aspectos importantes das suas culturas e que, por isso, não podia ser desprezada. Outro aspecto importante nesse novo modelo diz respeito ao modo de perceber a cultura do outro. Se antes a cultura do outro era vista como parte de uma totalidade, a cultura universal do homem, nessa nova perspectiva, a cultura do outro, passa a ser vista como uma totalidade autônoma. O que isso significou em termos de maior eficácia da ciência antropológica?

Na proposta evolucionista os costumes não eram relacionados com os seus respectivos contextos. Os críticos dessa corrente entendiam a necessidade, para um melhor entendimento dos fenômenos culturais, que esses fossem relacionados ao contexto particular nos quais estavam inseridos. Para

melhor compreensão apresentarei exemplos de como a proposta funcionava e ainda continua funcionando no âmbito da antropologia.

A religião sempre fez parte do interesse dos pesquisadores da ciência antropológica. Na proposta evolucionista as diversas formas de religiosidades eram colocadas nos estágios considerados como partes do processo evolutivo: selvageria, barbárie e civilização, sem a necessária contextualização. Na prática era como se o fenômeno religioso pudesse ser compreendido sem ser relacionado ao contexto particular. Na proposta boasiana o fenômeno religioso ou qualquer outro fenômeno cultural teria que ser relacionado ao seu contexto particular, analisando os obrigatórios relacionamentos entre eles e as conseqüentes trocas de informações.

Essa nova proposta – e os seguidores desse pensamento a ampliaram nos anos seguintes – afirma não ser mais possível opor sociedade simples, dos povos descobertos a partir do movimento das grandes navegações, à sociedade complexa, dos povos considerados civilizados. Ou, muito menos, tratar os povos diferentes como superiores ou inferiores. Dessa forma, cada povo passa a ter a sua própria configuração e importância a partir das suas construções culturais e sociais. Cada fenômeno é autônomo em relação a outros povos, mas guarda, necessariamente, interdependência com fenômenos distintos no interior do próprio grupo, ou seja, o religioso interage com o econômico, com o social, com o político e assim sucessiva e indefinidamente.

A partir dessa proposta os seus defensores afirmarão que “apenas o antropólogo pode elaborar uma monografia, isto é, dar conta cientificamente de uma microssociedade, apreendida em sua totalidade e considerada em sua autonomia teórica.” (LAPLANTINE, 2000, p. 78).

Se Franz Boas foi o iniciador mais intenso dessa nova proposta e um ardoroso crítico do evolucionismo, Malinowski foi quem a consolidou, colocando em prática a pesquisa participante – pesquisa em que o pesquisador passa a habitar com o pesquisado -, considerando que “uma sociedade deve ser estudada enquanto uma totalidade, tal como funciona no momento mesmo onde a observamos.” (LAPLANTINE, 2000: p. 80). Malinowski, ao desenvolver o seu pensamento contrário ao

pensamento evolucionista, produziu perguntas básicas para o desenvolvimento da sua teoria: o que é uma sociedade para os que a construíram? Quais as funções produzidas pelos membros dessa sociedade aos fenômenos culturais e sociais dos seus cotidianos? Afirmava Malinowski que os fenômenos culturais particulares têm significados que são próprios e que são, também, portadores de coerência. Desse modo, a observação teria que contemplar esse caráter para alcançar eficácia no seu resultado final.



(Fonte: <http://weblogs.clarin.com>).

A partir dessa visão Malinowski criou os princípios do funcionalismo, retirados dos modelos anteriormente criados pelas ciências da natureza, sobretudo da biologia, que estabelecia a função como ponto de partida principal. Segundo esse modelo teórico, o indivíduo tem determinadas necessidades e a cultura, através das suas instituições, existiria exatamente para atender a essas necessidades, construindo, dessa forma, a estabilização da sociedade. Tentarei explicitar melhor, nas linhas seguintes, essa situação no interior do modelo.

Para os funcionalistas a sociedade é o resultado da articulação entre o social, o psicológico e o biológico. Essa articulação acontece a partir da satisfação das necessidades sentidas pelos indivíduos através dos diversos mecanismos - fenômenos culturais -. É possível tentar clarear um pouco mais esse princípio: o indivíduo é parte da sociedade. A sociedade, com as suas instituições sociais e culturais, é um sistema que atende às necessidades dos indivíduos. As diversas instituições sociais e culturais, todas com funções sociais específicas, atenderiam aos indivíduos nas suas necessidades, tudo isso funcionando de forma harmônica. Tentando ser ainda mais claro: a religião, a família, o aparato jurídico, os costumes, as regras, tudo, a partir das suas funções, existiria para atender o indivíduo e, dessa forma, possibilitar o pleno funcionamento da sociedade.

Ora, aparentemente o funcionalismo teria descoberto o modelo perfeito, que retrataria plenamente a realidade da sociedade, contudo, os críticos não perderam tempo e construíram perguntas que o modelo funcionalista também não conseguia responder: se a sociedade pensada pelos funcionalistas se organiza de forma equilibrada e capaz de atender às necessidades do homem, como explicar os processos de mudanças sociais comuns a toda sociedade em qualquer época e em qualquer lugar? Os críticos ponderaram ainda que Malinowski havia construído leis gerais ou propostas de leis gerais a partir da análise dos costumes de uma micro-sociedade localizada em minúsculo arquipélago quase ou totalmente afastado dos contatos inter-culturais.

Mesmo que consideremos as críticas formuladas contra Malinowski, é evidente a sua contribuição aos estudos antropológicos, tanto que ainda permanece: primeiro, a invenção literal da observação participante. Pesquisar o outro deixou de ser tarefa dos viajantes circunstanciais e passou a ser, em profundidade, tarefa do pesquisador. E Malinowski realizou essa tarefa na prática, deslocando-se do seu mundo civilizado e habitando com os seus pesquisados, na tentativa de melhor compreender os fenômenos culturais desses indivíduos e dos seus grupos. É como no dizer de “Malinowski nos ensinou a olhar” (LAPLANTINE, 2000, p. 84).

Outra contribuição importante de Malinowski diz respeito ao social. Na sua pesquisa o social deixou de ser anedótico, exótico ou curioso e passou a ser apresentado na profundidade do seu processo de construção.

A partir de Malinowski o homem nas suas interações sociais e culturais passou a ser observado no seu cotidiano, mesmo as coisas consideradas mais insignificantes foram tratadas como relevantes, tendo em vista que, dentro do contexto e das suas interações, poderiam apresentar significações importantes. Observando esses fatos sociais considerados insignificantes o observador poderia, como observador participante, identificar as trocas generalizadas desses fatos com os demais fatos do grupo social.

E, por último, Malinowski, no seu trabalho de pesquisa e na sua obra, restaura o homem primitivo no interior do sistema social do qual faz parte. Através da observação participante o homem observado é mais importante do que o sistema do qual ele faz parte.



Ruth Benedict em trabalho de campo (Fonte: [http://Ruth Benedict\\_httpi72.photobucket.com](http://Ruth_Benedict_httpi72.photobucket.com)).



### ATIVIDADES

Depois de conhecer as duas principais correntes do pensamento antropológico das primeiras décadas da antropologia, compare-as e apresente as principais diferenças entre as práticas de pesquisa vinculadas a essas correntes.

### CONCLUSÃO

Esta aula encerra a narrativa de parte importante no processo de construção da antropologia desde a primeira metade do século XIX até as primeiras décadas do século XX. A antropologia construiu o seu objeto, o homem primitivo no primeiro momento e depois o homem total – em qualquer época e em qualquer espaço -; construiu o seu método, o método

comparativo, espaço metodológico importante para decifrar os significados dos fenômenos culturais; construiu a observação participante, técnica fundamental e eficaz na coleta de dados mais próximos do cotidiano dos indivíduos observados e pesquisados. O evolucionismo e o funcionalismo foram fundamentais nesse processo de construção da antropologia, mesmo reconhecendo a avalanche de críticas a esses modelos de pensamento elaborados. Nas aulas precedentes tratarei dos aspectos mais práticos da antropologia e espero que vocês possam continuar interessados no tema.

## RESUMO

O funcionalismo foi criado a partir das críticas elaboradas contra os pensadores evolucionistas e os seus modelos de história linear caracterizados pela análise descontextualizadas dos fenômenos culturais. Os principais pensadores que iniciaram e consolidaram essa corrente da antropologia foram Franz Boas (1858-1942) e Bronislaw Kasper Malinowski (1884-1942), considerados os pais fundadores da moderna etnografia. Os principais pontos levantados por esses autores foram os seguintes: a sociedade, mesmo as pequenas sociedades, deve ser analisada na perspectiva das suas respectivas totalidades, ou seja, cada fenômeno cultural, para ser melhor compreendido, tem que ser contextualizado no interior da própria sociedade; outro ponto importante foi a introdução e consolidação da pesquisa de campo através da observação participante. Esse novo modelo foi importante e continua entre nós como parte significativa da antropologia contemporânea.



## AUTOAVALIAÇÃO

A leitura desta aula contribuiu para melhorar o meu conhecimento sobre a prática antropológica, principalmente a respeito das duas correntes de pensamento construídas na primeira metade do século XIX e no início do século XX. Contudo, preciso entrar em contato com o meu monitor para melhor compreender as mudanças em relação à prática de pesquisa entre os dois modelos de pensamento. Micros sociedades e sociedade total ainda não estão claros para mim.



## REFERÊNCIAS

CASTRO, Celso (Org.). **Evolucionismo Cultural**: textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

\_\_\_\_\_. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.